Evidência Tupí-Guaraní para *pw → kw

Aryon Dall'Igna Rodrigues

1. O Tupinambá ou Tupí Antigo (T)¹ tem *kw* e *pw* como sequências bem estabelecidas de segmentos assilábicos (e não como fonemas unitários labializados: eles ocorrem paralelamente a outras sequências, não só *mw* e *ηw*, mas também *rw*, *nw*, *sw*, *?w* e *py*, *ky*, *my*, *ηy*, *ry*, *ny*, *sy*, *?y*). *pw* e *kw* do T correspondem ambos a *kw* do Guaraní Antigo (GA)² :

(1a) T <i>apwã</i>	(1b) GA <i>akwã</i>	‘lábio superior’
(2a) T <i>opweráß</i>	(2b) GA <i>akwerá</i>	‘sarou’
(3a) T <i>syepwár</i>	(3b) GA <i>cyekwá</i>	‘amarrou-me’
(4a) T <i>syekwár</i>	(4b) GA <i>cyekwá</i>	‘tenho um buraco’
(5a) T <i>kwesé</i>	(5b) GA <i>kwehé</i>	‘ontem’

2. A maioria das demais línguas da família Tupí-Guaraní apresenta situação análoga à do GA, como, por exemplo, o Guaraní da Bolívia oriental

1. O Tupinambá (Tupí Antigo) foi falado ao longo da costa brasileira nos séculos 16 e 17. As principais fontes para seu conhecimento são Anchieta 1595, Anônimo 1952/1953 (manuscrito de 1611), Araújo 1618 e Figueira 1621. Aqui foram utilizadas as análises fonológicas de Rodrigues 1958 e ms. (1981).

2. O Guaraní Antigo foi falado nos séculos 16, 17 e 18 no sudoeste do Brasil, no Paraguai e no nordeste da Argentina. As principais fontes para seu conhecimento são Aragona 1981 (manuscrito de cerca de 1625), Ruíz de Montoya (1639, 1640a e 1640b) e Restivo (1724). Aqui foi utilizada a análise fonológica de Grannier-Rodrigues 1974. Em GA *kw* pode ser interpretado como um fonema unitário *kw* (como foi analisado por Grannier-Rodrigues 1974 e como tem sido analisado em alguns dialetos modernos do Guaraní), visto que nesta língua só as velares podem ser seguidas por *w*, *rw*, *nw*, *sw*, etc. do T, correspondente no GA *a*, *r*, *n*, *c*, etc.

(Hoeller 1932), o Parintintín do rio Madeira, Amazonas (Betts 1982) e o Tembê do rio Gurupi, Pará e Maranhão (Boudin 1966):

Guarayo	Parintintín	Tembê	
(6a) <i>okwéra</i>	(6b) <i>okweráv</i>	(6c) <i>okweráw</i>	"sarou"
(7a) <i>čékwá</i>	(7b) <i>jikwár</i>	(7c) <i>hekwár</i>	"amarrou-me"
(8a) <i>čékwár</i>	(8b) <i>jikwár</i>	(8c) <i>hekwár</i>	"tenho um buraco"

Dada a ampla distribuição geográfica dessas línguas, pode parecer mal a provável a hipótese de que a língua ancestral de toda a família, o Proto-Tupí-Guaraní (PTG) tivesse $*kw$ (ou k^w) e que daí se tivesse derivado o pw do T.

Na discussão que se segue vamos restringir-nos aos dados do T e do GA, já que este último representa a situação de língua como o Guarayo, o Parintintín e o Tembê a vantagem de ser contemporânea do Tupinambá e de prestar-se melhor, por isso, a uma comparação o isenta das complicações que pode apresentar, para a reconstrução, a comparação de línguas de épocas diferentes.

3. Se postularmos para o PTG a sequência $*kw$ (ou o segmento $*k^w$) como fonte do T pw = GA kw , teremos para o T a mudança $*kw \rightarrow pw$, a qual é bastante familiar em diversos domínios linguísticos (Proto-indo-europeu $*k^w \rightarrow$ Grego p como *er* $*leik^w o$: $\rightarrow \lambda \epsilon \acute{\iota} \pi \omega$ "deixo" ; latim $k^w \rightarrow$ Rumeno p como em *aqua* $\rightarrow$ *apă* "água"; etc.). Mas derivar o T pw de um PTG kw põe um problema difícil para a fonologia diacrônica do T, pois obriga a admitir uma cisão arbitrária entre T pw e kw :

- (9) PTG $*ice$ *kwár* T *syekwár* (GA *cyekwá*) "tenho um buraco"
 (10) PTG $*ice$ *kwár* T *syepwár* (GA *cyekwá*) "amarrou-me"

Se, ao contrário, postularmos PTG $*pw$ (ou $*p^w$) como fonte do T pw e PTG $*kw$ (ou $*k^w$) como origem do T kw , não teremos nenhum problema, pois em vez de uma cisão arbitrária no T, deveremos admitir na história do GA uma fusão absoluta de $*pw$ e $*kw$, o que representa um caso trivial em fonologia diacrônica:

- (11) PTG $*ice$ *kwár* $\rightarrow$ T *syekwár*, GA *cyekwá* "tenho um buraco"
 (12) PTC $*ice$ *pwár* $\rightarrow$ T *syepwár*, GA *cyekwá* "amarrou-me"

A mudança $pw \rightarrow kw$, embora menos familiar na linguística histórica, não é entretanto incomum. Um caso análogo no essencial – que a substituição de uma articulação labial por uma articulação velar diante de w – ocorre, por exemplo, em dialetos hispano-americanos da Argentina e do Paraguai, em que

$bw \rightarrow gw$ como em *buey* $\rightarrow$ *guey* [gwéy] "boi" e $fw \rightarrow xw$ como em *fuerte* $\rightarrow$ *juerte* [xwérte] 'forte'.

4. Não só o T pw corresponde ao GA kw , mas a mesma relação existe também para as sequências nasais paralelas, T mw = GA ηw :

(13a) T *memwã* (13b) GA *me η wã* "brincadeira, gracejo"

Portanto, devemos postular também PTG $*mw \rightarrow$ GA ηw paralelamente a $*pw \rightarrow kw$.

Os mw 's do T que correspondem a ηw 's do GA são ou lexicais (tautomorfêmicos) como em (13) ou resultantes da junção de m em fim de morfema e w inicial de morfema, portanto heteromorfêmicos, como em (15):

(14a) T *a β á + rá m + a* "quem vai tornar-se homem"

(14b) GA *a β á + rá m + a*

(15a) T *a β á + rá m + wér + a* "quem devia tornar-se homem"

(15b) GA *a β á + rá η + wér + a* (mas não se tornou)"

Como se vê nos exemplos (14) e (15), o GA tem uma regra sincrônica que converte m final de morfema em η diante de w inicial de morfema seguinte, ao passo que o T mantém inalterado se no mesmo contexto. Essa regra sincrônica do GA ($m + w \rightarrow \eta w$) é quase idêntica à regra diacrônica $*mw \rightarrow \eta w$ e é, evidentemente, uma consequência desta.

5. Além dos dois casos em que o T mw corresponde ao GA ηw , há um terceiro caso em que o T mw corresponde ao GA mw (e não ηw). Em T esse caso resulta quando a sequência pw inicial de morfema é precedida por um segmento nasal final de morfema; em GA a situação é a mesma, mas com kw em vez de pw :

(16a) T *ayopwár* (16b) GA *ayokwá* "eu o amarrei"

(17a) T *ayeku η áp w ár* (17b) GA *ayeku η ák w á* "amarrei minha cintura"

(18a) T *ayepwām w ár* (18b) GA *ayekwām w á* "amarrei meu dedo"

(19a) T *ayekām w ár* (19b) GA *ayekām w á* "amarrei minha cabeça"

($\rightarrow ia + ye + aka\eta + pwár$) ($\rightarrow a + ye + aká\eta + kwár$)

Nestes exemplos o GA mostra uma alternância morfofonêmica $kw \sim mw$ (no morfema $kwá \sim mwá$ "amarrar"), a qual implica uma regra sincrônica determinando que, diante de w , a oclusiva k inicial de morfema é substituída pela nasal labial quando precedida por um segmento nasal na mesma palavra,

mas permanece inalterada em outros contextos. Esta regra, entretanto, não se aplica a todos os casos de kw precedido por segmento nasal, uma vez que há casos em que o GA kw muda em ηw :

- (20a) T *apísá + kwár + a* (20b) GA *apicá + kwá* "buraco do ouvido"
 (21a) T *apĩy + ηwár + a* (21b) GA *apĩy + ηwá* "buraco do nariz"

Como se vê em (20) e (21), esses são os casos em que o GA kw corresponde ao T kw , e não a pw .

Enquanto que a produção de mw em T nos exemplos (18a) e (19a) é bem motivada e tem um paralelo na mudança $kw \rightarrow \eta w$ no exemplo (21a), a mudança do GA $kw \rightarrow mw$ é difícil de explicar sincronicamente; diacronicamente, a hipótese de que PTG $*pw \rightarrow *$ GA kw e PTG $*mw \rightarrow$ GA ηw a esclarece cabalmente, o que não se dá com a hipótese inversa de que PTG $*kw \rightarrow$ T pw e PTG $*\eta w \rightarrow$ T mw .

6. Tanto em T como em GA os nomes possuídos tem uma forma absoluta (ou humana) que, para os temas iniciados por p , é marcada pelo prefixo m - e para os temas começados por outras consoantes não é marcado (ou é marcado por $\emptyset$) (temas iniciados por vogal tomam t - ou $\emptyset$, ou perdem sua vogal inicial):

- (22a) T *kunumĩ pó* (22b) GA *kunumĩ pó* "a mão do menino"
 (23a) T ($m + pó \rightarrow$) *mó* (23b) GA ($m + pó \rightarrow$) *mó* "mão humana"
 (24a) T *kunumĩku?á* (24b) GA *kunumĩku?á* "cintura do menino"
 (25a) T *ku?á* (25b) GA *ku?á* "cintura humana"

A mudança fonológica $mp \rightarrow m$ em (23) é regular em ambas as línguas:

- (26a) T *ko?ém + pitán + a \rightarrow ko?émitáŋa* "aurora (manhã-vermelho-nominativo)"
 (26b) GA *ko?ém + pitán \rightarrow ko?émitã* "aurora (manhã-vermelho)"

A palavra T para "dedo", *pwã*, comporta-se como os demais nomes possuídos que começam por p :

- (27) *kunumĩ kwã* "o dedo do menino"
 (28) *mwã* "dedo humano"

A palavra correspondente em GA parece irregular em comparação com os exemplos (22b) – (23b), mas é tão regular quanto os exemplos (16b) – (19b):

- (29) GA *kunumĩ kwá* "dedo do menino"
 (30) GA *mwã* "dedo humano"

A irregularidade paradigmática sincrônica do GA *kwã* "dedo", que aparentemente mistura os paradigmas regulares de *ku?á* "cintura" e *pó* "mão", tem claramente origem e explicação na mudança diacrônica PTG **pw* → GA *kw*. Enquanto o PTG *pwã* converteu-se em GA *kwá*, o PTG **m + pwá* converteu-se em GA *mwá* da mesma forma como o PTG **-akáŋ + pwár* resultou no GA *akãmwá* (19b).

7. Todos os fatos discutidos acima falam em favor de uma regra diacrônica **pw/mw* → *kw/ŋw* na história do GA e não em favor de uma regra **kw/ŋw* → *pw/mw* na história do T. Um resumo informal das regras diacrônicas envolvidas na derivação do GA *kw* e *ŋw* poderia ser apresentado assim:

	<i>*kwár</i>	<i>*apiy + kwár</i>	<i>*pwã</i>	<i>*m + pwã</i>	<i>memwã</i>
(31) Epêntese de nasal	<i>apĩyŋkwár</i>				
(32) Velarização de labiais entre V ou # e w			<i>kwã</i>		<i>mẽŋwã</i>
(33) Redução de mp/ŋk a m/ŋ ³		<i>apiyŋwár</i>		<i>mwã</i>	
Outras regras	...	...	...	...	...
	[<i>kwá</i>]	[<i>ãpĩyŋgwá</i>]	[<i>kãã</i>]	[<i>mãã</i>]	[<i>mẽŋwã</i>]

Bibliografia

- Anchieta, Joseph de. 1595. *Arte de grammatica da Língua mais usada no Costa do Brasil*. Coimbra.
 Anônimo. 1952/1953. *Vocabulário na Língua Brasilica*. 2ª edição revista e confrontada com o ms. fg. 3144 da Bibl. Nacional de Lisboa por Carlos Drummond. (Univer-

3 A aplicação da regra (33) parece inconsistente com o produto fonético final na derivação de [*ãpĩyŋgwá*]. Prefiro representar assim, uma vez que há uma regra mais superficial que cinde todo segmento nasal em duas manifestações fonéticas unissegmentais independentemente de sua fonte histórica (seja esta **m* ou **mp*), a saber, uma nasal plena diante de vogais nasais e uma "pré-nasalizada" diante de vogais orais (p. ex., **mo+yán* → CA 'fazer correr' e **mo+ur* → GA [*mbou*] 'fazer vir'; **m+pocaŋ* → GA [*mbou*] 'remédio de gente', **m+poti?á* → GA [*mboti?á*] 'peito humano'.

- cidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim nº 137, Etnografia e Tupi-Guarani nº 23). São Paulo. 2 vols.
- Araujo, Antonio d'. 1618. *Catecismo na Lingoa Brasilica...* Agora novamente concertado, ordenado, e acrescentado pello Padre... Lisboa.
- Figueira, Luis. 1621. *Arte da língua brasilica*. (2a. edição: *Arte de grammatica da língua brasilica*, Lisboa, 1687.)
- Grannier-Rodrigues, Daniele Marcelle. 1974. *Fonologia do Guaraní Antigo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1958. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Tese de doutorado, Universität Hamburg.
- Ruiz (de Montoya), Antonio. 1639. *Tesoro de la lengua guarani*. Madrid.
- Ruiz (de Montoya), Antonio. 1640a. *Arte, y bocabulario de la lengua guarani*. Madrid.
- Ruiz (de Montoya), Antonio. 1640b. *Catecismo de la Lengua Guarani*. Madrid.